

Teletrabalho e sedentarismo obrigam a olhar mais para o corpo e rosto

Intervenções na face e olhos subiram fruto das reuniões frequentes por videoconferência

Temporadas em casa também foram usadas para cirurgias com recobro mais demorado

Ana Gaspar
agasp@jn.pt

IMAGEM Mais do que a proximidade do verão, a pandemia levou os portugueses a olharem de forma diferente para o rosto e corpo e a recorrerem às cirurgias estéticas para os melhorar. Cirurgiões plásticos ouvidos pelo JN contaram que, na primeira vaga, quando toda a atividade não urgente foi cancelada, também tiveram de estar parados. Mas, a pouco e pouco, os doentes foram perdendo o receio das infeções por SARS-CoV-2 e a procura pelas intervenções estéticas regressou. Quer para procedimentos mais invasivos quer para pequenos retoques.

“Logo que as medidas começaram a ser levantadas, sentimos mais confiança. As pessoas voltaram ainda mais motivadas e com mais vontade de cuidar do corpo e da pele”, revelou Luísa Magalhães Ramos. O facto do tempo passado em teletrabalho “permitir uma recuperação sem necessidade de gozar férias e longe de olhares indiscretos” aumentou a procura dos tratamentos.

Na opinião da especialista, a pandemia trouxe novas tendências, alterou rotinas e formas de trabalho na atividade privada. “Na área da cirurgia plástica, fala-se no fenómeno do ‘zoom boom’: Ao pas-

sarmos mais tempos em casa e em reuniões frequentes por videoconferência, acabámos por estar em contacto constante com a nossa imagem, o que alterou a nossa perceção e evidenciou ‘problemas’ que antes passavam despercebidos”. Da sua experiência relatou que “o interesse em procedimentos faciais, como a blefaroplastia, rinoplastia e lifting facial, aumentou consideravelmente”.

David Rasteiro partilha da opinião, mas sublinhou que também houve quem tivesse tido “algum tempo para meditar e perceber que às vezes precisam de coisas mais efetivas”. Como “estão em teletrabalho e não tão expostas do ponto de vista social”, as pessoas conseguem estar durante algum tempo recolhidas e optam “por procedimentos que outrora não tinham tempo e que lhes fazia falta”. O médico adiantou ainda que apesar de continuarem a “gostar de procedimentos menos invasivos”, esta foi também a altura de os utentes optarem por “coisas um bocadinho mais efetivas e com resultados superiores”.

50% DA ATIVIDADE DE 2019
Já Luiz Toledo relatou ter havido alterações no tipo de intervenções mais procuradas. “Muito mais lipoaspiração para retirar gordura localizada e cirurgias de pálpe-

bras”. O médico disse ainda estar agora a desempenhar 50% da atividade de 2019 nas cirurgias estéticas, uma vez que as reparadoras “sempre puderam ser realizadas”.

Álvaro Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica Reconstructiva e Estética, defendeu, por seu lado, não considerar que houve alterações na forma como os portugueses olham para o corpo. “Há uma certa dificuldade por causa do uso de máscara. As pessoas estão menos expostas e talvez procurem menos procedimentos na face. Por outro lado, talvez aproveitem para fazer algum tipo de procedimentos minimamente invasivos, como botox ou ácido hialurónico”.

MAMAS E CONTORNO DO CORPO

Nas mulheres, explicou David Rasteiro, as áreas do corpo que são mais alvo de intervenção continuam a ser as mamas e o contorno corporal. “Após uma gravidez ou uma perda de peso maior, das alterações corporais que resultam da passagem do tempo e dos eventos que a nossa vida tem, as pessoas optam por fazer cirurgias abdominais conjuntamente com alterações do glúteo, fazer uma remodelação séria”.

“Muita gente comeu demais e fez pouco exercício durante o confinamento e acabou por engordar.

Ficar em casa deixou as pessoas mais relaxadas. E como as máscaras cobriam parte do rosto, muita gente percebeu então a necessidade de rejuvenescer a área ao redor dos olhos”, prosseguiu Luiz Toledo. E se até aqui as cirurgias que diminuíram na sua prática foram as de zonas que estavam “cobertas por roupa”, mais recentemente, “com as vacinas e a chegada do verão, houve um aumento das cirurgias corporais para se poder ir à praia com confiança”.

Mas as estações do ano, na opinião de David Rasteiro, já não condicionam tanto as intervenções. A proximidade do verão “é sempre uma altura que tem alguma procura”, mas também há pessoas a fazerem férias fora do país nos meses de inverno. “Todos os momentos têm uma justificação. Um fazem no verão porque têm férias, outras no Natal porque consideram um presente”.

No início da pandemia, o médico começou a realizar teleconsultas e faz um balanço positivo da iniciativa, que é para manter. Se, por um lado, houve pacientes que ganharam coragem para fazer uma consulta de cirurgia estética, por ser à distância, a medida permitiu-lhe também contactar com portugueses pelo Mundo que “preferem ser tratados no seu país, por pessoas que falam a sua língua”.

OUTROS DADOS

Homens procuram definição abdominal

A definição da zona abdominal tem sido das cirurgias plásticas mais procuradas pelos homens. Mas também há quem tente corrigir o aumento da glândula mamária, explicou David Rasteiro.

Métodos menos invasivos

Segundo Luísa Magalhães Ramos, a procura por métodos minimamente invasivos é “crescente”. Além da aplicação de botox, ácido hialurónico, peelings e mesoterapias, os cirurgiões também estão a ser chamados para aumentos dos lábios e maquiagem do rosto e remodelação do nariz e queixo, entre outros procedimentos.

OUTROS DADOS

Homens procuram definição abdominal

A definição da zona abdominal tem sido das cirurgias plásticas mais procuradas pelos homens. Mas também há quem tente corrigir o aumento da glândula mamária, explicou David Rasteiro.

Métodos

menos invasivos

Segundo Luísa Magalhães Ramos, a procura por métodos minimamente invasivos é “crescente”. Além da aplicação de botox, ácido hialurónico, peelings e mesoterapias, os cirurgiões também estão a ser chamados para aumentos dos lábios e maçãs do rosto e remodelação do nariz e queixo, entre outros procedimentos.

Teletrabalho e sedentarismo obrigam a olhar mais

o corpo

Intervenções na face e olhos subiram fruto das reuniões frequentes por videoconferência

Temporadas em casa também foram usadas para cirurgias com recobro mais demorado

Ana Gaspar
agaspar@jn.pt

IMAGEM Mais do que a proximidade do verão, a pandemia levou os portugueses a olharem de forma diferente para o rosto e corpo e a recorrerem às cirurgias estéticas para os melhorar. Cirurgiões plásticos ouvidos pelo JN contaram que, na primeira vaga, quando toda a atividade não urgente foi cancelada, também tiveram de estar parados. Mas, a pouco e pouco, os doentes foram perdendo o receio das infeções por SARS-CoV-2 e a procura pelas intervenções estéticas regressou. Quer para procedimentos mais invasivos quer para pequenos retoques.

“Logo que as medidas começaram a ser levantadas, sentimos mais confiança. As pessoas voltaram ainda mais motivadas e com mais vontade de cuidar do corpo e da pele”, revelou Luísa Magalhães Ramos. O facto do tempo passado em teletrabalho “permitir uma recuperação sem necessidade de gozar férias e longe de olhares indiscretos” aumentou a procura dos tratamentos.

Na opinião da especialista, a pandemia trouxe novas tendências, alterou rotinas e formas de trabalho na atividade privada. “Na área da cirurgia plástica, fala-se no fenómeno do ‘zoom boom’: Ao pas-

sarmos mais tempos em casa e em reuniões frequentes por videoconferência, acabámos por estar em contacto constante com a nossa imagem, o que alterou a nossa percepção e evidenciou ‘problemas’ que antes passavam despercebidos”. Da sua experiência relatou que “o interesse em procedimentos faciais, como a blefaroplastia, rinoplastia e lifting facial, aumentou consideravelmente”.

David Rasteiro partilha da opinião, mas sublinhou que também houve quem tivesse tido “algum tempo para meditar e perceber que às vezes precisam de coisas mais efetivas”. Como “estão em teletrabalho e não tão expostas do ponto de vista social”, as pessoas conseguem estar durante algum tempo recolhidas e optam “por procedimentos que outrora não tinham tempo e que lhes fazia falta”. O médico adiantou ainda que apesar de continuarem a “gostar de procedimentos menos invasivos”, esta foi também a altura de os utentes optarem por “coisas um bocadinho mais efetivas e com resultados superiores”.

50% DA ATIVIDADE DE 2019

Já Luiz Toledo relatou ter havido alterações no tipo de intervenções mais procuradas. “Muito mais lipospiração para retirar gordura localizada e cirurgias de pálpe-

bras”. O médico disse ainda estar agora a desempenhar 50% da atividade de 2019 nas cirurgias estéticas, uma vez que as reparadoras “sempre puderam ser realizadas”.

Álvaro Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica Reconstructiva e Estética, defendeu, por seu lado, não considerar que houve alterações na forma como os portugueses olham para o corpo. “Há uma certa dificuldade por causa do uso de máscara. As pessoas estão menos expostas e talvez procurem menos procedimentos na face. Por outro lado, talvez aproveitem para fazer algum tipo de procedimentos minimamente invasivos, como botox ou ácido hialurónico”.

MAMAS E CONTORNO DO CORPO

Nas mulheres, explicou David Rasteiro, as áreas do corpo que são mais alvo de intervenção continuam a ser as mamas e o contorno corporal. “Após uma gravidez ou uma perda de peso maior, das alterações corporais que resultam da passagem do tempo e dos eventos que a nossa vida tem, as pessoas optam por fazer cirurgias abdominais conjuntamente com alterações do glúteo, fazer uma remodelação séria”.

“Muita gente comeu demais e fez pouco exercício durante o confinamento e acabou por engordar.

Ficar em casa deixou as pessoas mais relaxadas. E como as máscaras cobriam parte do rosto, muita gente percebeu então a necessidade de rejuvenescer a área ao redor dos olhos”, prosseguiu Luiz Toledo. E se até aqui as cirurgias que diminuíram na sua prática foram as de zonas que estavam “cobertas por roupa”, mais recentemente, “com as vacinas e a chegada do verão, houve um aumento das cirurgias corporais para se poder ir à praia com confiança”.

Mas as estações do ano, na opinião de David Rasteiro, já não condicionam tanto as intervenções. A proximidade do verão “é sempre uma altura que tem alguma procura”, mas também há pessoas a fazerem férias fora do país nos meses de inverno. “Todos os momentos têm uma justificação. Um fazem no verão porque têm férias, outras no Natal porque consideram um presente”.

No início da pandemia, o médico começou a realizar teleconsultas e faz um balanço positivo da iniciativa, que é para manter. Se, por um lado, houve pacientes que ganharam coragem para fazer uma consulta de cirurgia estética, por ser à distância, a medida permitiu-lhe também contactar com portugueses pelo Mundo que “preferem ser tratados no seu país, por pessoas que falam a sua língua”.

Portugueses começaram a olhar mais para o corpo durante a pandemia

Fá
lot
rel

Entrada
emigra

Alexandra
alexandra.ba

FÉ Duran
dos emig
máxima
tuário de
pessoas.
das celeb
decorre
-feira, se
um 'nós'
No entan
feriado o
go seja
afluênc

Após
das as c
do 13 d
vido à
máxim
aument
em que
trada de
no espaç
te ano, o
para 7500

Em julh
fiéis autor
nhar as ce
cinto pass
facto justi
fonte do s
"uma evol
face ao aliv
em relação
se promove

Contudo,
do Santuári
relação à sa
nos mantê
a ser obrig
máscara e a
da a higien
das mãos. N
da os círcul



Círculos n

S. João reduziu lista de espera para metade

Hospitais públicos adaptaram atividade, mas já começaram a recuperar tratamentos e consultas

TRATAMENTO Não foi só no setor privado que as intervenções plásticas e de reconstrução foram afetadas pela covid-19. Além das cirurgias urgentes, na primeira vaga da pandemia, entre março e maio, todas as operações programadas tiveram de ser adiadas e as destes serviços não foram exceção. Depois, segundo Álvaro Silva, "os hospitais começaram a adaptar-se e a atividade tem decorrido com a normalidade possível". De acordo com o presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética, nas vagas seguintes,

"houve alguns hospitais que tiveram de adiar algum tipo de intervenções", por causa dos constrangimentos causados pela covid-19. "Todos nós aprendemos a gerir um bocadinho isso", disse o também médico do Centro Hospitalar de S. João (CHSJ), no Porto.

REFERENCIAÇÃO ATRASADA Ricardo Horta, diretor do Serviço de Cirurgia Plástica e Reconstructiva do S. João, reconhece que "a pandemia foi prejudicial, aumentando as listas de espera para consultas e cirurgia". O atraso na referenciação pelos centros de saúde tam-

A RETER

9

cirurgias de reimplantação/revascularização do membro superior/mão, realizadas entre janeiro e 15 de maio de 2021. No mesmo período, foram também efetuadas no S. João duas cirurgias de reimplantação/revascularização de pernas e uma de estruturas faciais (reimplantação de orelha).

295

dias de espera era o tempo máximo no mês de julho para a realização de uma cirurgia pelo serviço. Em maio, 83,42% das consultas realizaram-se dentro dos tempos máximos de resposta garantidos.

bém levou a que tivessem sido identificados tardiamente doentes com neoplasias avançadas.

O serviço, que é um dos maiores do país, trabalha em regime de multidisciplinaridade com outras especialidades realizando cirurgias conjuntas com o grupo de mama, otorrinolaringologia, operações em conjunto com a ginecologia oncológica ou neurocirurgia, entre outros.

"Em apenas três meses e com estratégias diversas, reduzimos em 50% a lista de espera do serviço", prosseguiu Ricardo Horta, acrescentando que o serviço conseguiu eliminar a lista de espera dos doentes (que eram 109) a aguardar há mais de um ano por uma cirurgia.

Ao nível do Serviço de Urgência, adiantou o especialista, o centro hospitalar apresenta capacidade diária para dar cobertura "em todas as áreas de trauma (face, mão, membro inferior, queimados), inclusive do ponto de vista de reimplantes e revascularização, dispondo de equipas disponíveis 24 horas todos os dias da semana", destacou. ●

S. João reduziu lista de espera para metade

Hospitais públicos adaptaram atividade, mas já começaram a recuperar tratamentos e consultas

TRATAMENTO Não foi só no setor privado que as intervenções plásticas e de reconstrução foram afetadas pela covid-19. Além das cirurgias urgentes, na primeira vaga da pandemia, entre março e maio, todas as operações programadas tiveram de ser adiadas e as destes serviços não foram exceção. Depois, segundo Álvaro Silva, “os hospitais começaram a adaptar-se e a atividade tem decorrido com a normalidade possível”. De acordo com o presidente da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética, nas vagas seguintes,

“houve alguns hospitais que tiveram de adiar algum tipo de intervenções”, por causa dos constrangimentos causados pela covid-19. “Todos nós aprendemos a gerir um bocadinho isso”, disse o também médico do Centro Hospitalar de S. João (CHSJ), no Porto.

REFERENCIAÇÃO ATRASADA Ricardo Horta, diretor do Serviço de Cirurgia Plástica e Reconstructiva do S. João, reconhece que “a pandemia foi prejudicial, aumentando as listas de espera para consultas e cirurgia”. O atraso na referenciação pelos centros de saúde tam-

A RETER



cirurgias de reimplantação/revascularização do membro superior/mão, realizadas entre janeiro e 15 de maio de 2021. No mesmo período, foram também efetuadas no S. João duas cirurgias de reimplantação/revascularização de pernas e uma de estruturas faciais (reimplantação de orelha).



dias de espera era o tempo máximo no mês de julho para a realização de uma cirurgia pelo serviço. Em maio, 83,42% das consultas realizaram-se dentro dos tempos máximos de resposta garantidos.

bém levou a que tivessem sido identificados tardiamente doentes com neoplasias avançadas.

O serviço, que é um dos maiores do país, trabalha em regime de multidisciplinaridade com outras especialidades realizando cirurgias conjuntas com o grupo de mama, otorrinolaringologia, operações em conjunto com a ginecologia oncológica ou neurocirurgia, entre outros.

“Em apenas três meses e com estratégias diversas, reduzimos em 50% a lista de espera do serviço”, prosseguiu Ricardo Horta, acrescentando que o serviço conseguiu eliminar a lista de espera dos doentes (que eram 109) a aguardar há mais de um ano por uma cirurgia.

Ao nível do Serviço de Urgência, adiantou o especialista, o centro hospitalar apresenta capacidade diária para dar cobertura “em todas as áreas de trauma (face, mão, membro inferior, queimados), inclusive do ponto de vista de reimplantes e revascularização, dispondo de equipas disponíveis 24 horas todos os dias da semana”, destacou. ●